

A GUERRA ENTRE AESIRES E VANIRES: A ALIANÇA ENTRE GUERRA, MAGIA E FERTILIDADE OU AS MEMÓRIAS DE UM CONFLITO?

Munir Lutfe Ayoub¹

Resumo: Esse artigo tem como intuito a análise e a compreensão do significado da guerra entre os deuses Vanires e Aesires para os povos escandinavos pré-cristãos. Compreensão pautada na seguinte questão: Seria esse conflito a representação da união entre guerra, magia e fertilidade ou reminiscências das memórias de um conflito?

Ao mesclar o estudo das guerras com outros campos como o da mitologia, este acaba por evidenciar questões culturais e históricas que se encontram no cerne dos mitos, evidenciando-os como elementos múltiplos de uma sociedade oral.

Palavras-chave: Mito; Vikings; Guerra; Nórdico.

Abstract: This essay aims the analysis and the comprehension of the war signification between Vanires and Aesires gods to the pre-Christian Scandinavian people. A comprehension based on the following question: would that myth be the representation of an alliance among war, magic and fertility or the reminiscent memories of a conflict? Considering the study of wars and other possible ones as in mythology, it shows cultural and historical issues which can be found in the myths core show as multiple elements of an oral society.

Keywords: Myth; Viking; War; Norse.

As representações da sociedade escandinava e dos mitos nórdicos presentes em fontes como as *Eddas* e as sagas nos apresentam um mundo de guerras, heróis, reinos e reis. Pelos mitos podemos acompanhar a constante guerra entre os deuses nórdicos e os seus grandes rivais, os gigantes; porém a guerra que essa mitologia nos apresenta como sendo a primeira que houve no mundo não tem como protagonistas deuses e gigantes. A primeira guerra do mundo escandinavo ocorreu entre duas famílias do panteão divino nórdico: as famílias dos Aesires e dos Vanires (DAVIDSON, 2003: 71-75; DUMÉZIL, 1973: 3-25; ELIADE, 2011: 143-146; HEDEAGER, 2011: 212-223; LINDOW, 2002: 51-53; OOSTEN, 1985: 40-47; ÖSTVOLD, 1969: 169-202; SALIN, 1903: 148; SCHJØDT, 2008: 221; STUBBS, 1959: 440-459).

¹ Mestrando Puc-SP. Email: munirlutfe@gmail.com. Membro do grupo Neve (Núcleo de estudos Vikings e Escandinavos).

Este artigo tem como objetivo a análise dessa guerra; no entanto, antes de nos lançarmos a tal análise, necessitamos nos fazer as seguintes questões: Qual nosso conceito de mito? Quais as fontes que nos apresentam os mitos nórdicos e quais suas problemáticas? O que sabemos sobre essa guerra? E, finalmente, seria esse mito a representação da união entre guerra, magia e fertilidade ou reminiscências das memórias de um conflito?

O mito, as fontes e suas problemáticas

Os mitos nada mais são do que as histórias dos antigos povos na tentativa de explicar o surgimento do cosmo, o surgimento e o funcionamento de suas sociedades, as formas de agir dos seres humanos e até mesmo o fim das sociedades desse cosmo – no caso dos mitos nórdicos, o fim de alguns de seus próprios deuses, que morreriam em uma batalha final contra seus grandes rivais, os gigantes (LINDOW, 2002, p. 1-2). Tais mitos, antes de serem compilados nas fontes literárias que nos chegaram, eram cantados por poetas nórdicos conhecidos como escaldos, em canções que deviam sofrer variações em conformidade com o tempo e com o espaço. Portanto, os historiadores contemporâneos acreditam que as histórias que foram compiladas são na verdade apenas uma pequena parte das que naqueles períodos foram cantadas (SCHJØDT, 2009, p. 9-22). Sendo assim, não temos atualmente a possibilidade de trabalharmos com todas as variações desses mitos, o que já nos aponta uma grande problemática na tentativa de compreensão dos povos escandinavos praticantes da antiga fé.

O conflito entre ases e vanes está presente em três fontes de uso inquestionável para os estudos da mitologia nórdica. São elas a *Edda Poética*, a *Edda Prosaica* e a *Ynglinga Saga*. Nas *Eddas* o episódio se encontra no poema *Völuspá* e nos capítulos denominados *Gylfaginning* e *Skáldskaparmál* da *Edda Prosaica*, estando por sua vez no quarto capítulo da *Ynglinga Saga* (Snorri Sturluson, *Ynglinga Saga*, capítulos 6-7; Snorri Sturluson, *Edda Prosaica*, *Gylfaginning*; Obra Anônima, *Edda Poética*, *Völuspá*).

A *Edda Poética* é considerada como uma obra própria do mundo da antiga fé nórdica, na análise dos historiadores, por estar em um formato muito próprio do período pré-cristão, formato esse em que a oralidade e a poética eram de grande presença, além

de contar com recursos como as *kenings*, recurso poético de caráter figurativo, muito próprio dos poemas do período viking (HEDEAGER, 2011: 214).

Contudo, ambas as *Eddas* tiveram seus momentos de compilação por volta do século XIII, século que pode ter influenciado os mitos que nos chegam, os quais podem ter sofrido alterações devido a influências cristãs, pois o cristianismo já havia chegado à ilha da Islândia, terra de origem destas obras, por volta do ano 1000. Além disso, alguns historiadores acreditam que essas obras também foram influenciadas por contextos políticos e sociais dos séculos em que foram compiladas (ABRAM, 2011: 69-85).

Portanto, ao analisar as fontes escritas sobre esses mitos, como as *Eddas*, deve-se ter uma visão crítica, pautada por questões como: Poderíamos comprovar a presença dessas compreensões mitológicas como próprias do mundo da antiga religiosidade nórdica?

Atualmente, portanto, os historiadores, na busca das comprovações do mundo viking pelas literaturas produzidas após esse período, acabam por cruzar diversas fontes textuais com o intuito de percepção dos temas recorrentes entre elas, sugerindo assim um ponto de partida em comum entre essas diversas produções (ROSS, 2008: 231-234). Entre estas fontes encontramos as já comentadas *Eddas*, as sagas de reis que geralmente têm o caráter de relatar os antigos costumes e práticas do mundo viking e costumam tratar dos reis e heróis mais próximos das compilações destas obras, compilações iniciadas no século XIII e que acabavam por também sofrer influências cristãs. Temos também as sagas lendárias, que costumam tratar de reis e heróis primordiais e misturam geralmente elementos mitológicos em suas narrativas, permitindo assim a observação desses deuses, porém que também foram produzidas a partir do século XIII.

Os poemas escáldicos também fazem parte das fontes que podem ser utilizadas, contudo contam com uma compreensão por parte dos historiadores um pouco diversa das sagas. Esses poemas são compreendidos como produções cantadas durante o período viking, ganhando assim um caráter mais próximo do período pré-cristão. Contudo, esses poemas chegaram até os dias de hoje pelas suas compilações nas sagas de reis e nas sagas lendárias, acabando por sofrer influências cristãs. O reconhecimento de um caráter pré-cristão, no entanto, se deve às normas métricas e à musicalidade apresentadas, além das já citadas *kenings*.

Apesar dessas infinidades de fontes, a principal referência para a comprovação dos mitos como próprios da antiga religiosidade nórdica e para uma melhor análise continua sendo as fontes arqueológicas. Entre as descobertas arqueológicas contamos com as *runestones*, pedras do período viking que mostram inscrições rúnicas, bem como as estelas, pedras do período viking que mostram cenas dos ritos e feitos dos homens do norte da Europa, além de, por vezes, mostrarem também cenas mitológicas. As fontes arqueológicas ainda podem contar com amuletos e restos funerários e sacrificais, que nos ajudariam no entendimento da religiosidade nórdica (ROSS, 2008: 231-234).

Devemos então retornar ao estudo do conflito entre Aesires e Vanires proposto por este trabalho. No entanto, agora com essas perspectivas das fontes e de suas críticas devemos nos lançar ao entendimento das seguintes perguntas: O que as fontes nos dizem sobre esses mitos? Quais as variações presentes nesse mito de fonte para fonte? O que as fontes nos apresentam como ponto em comum?

A primeira guerra do mundo

As três obras que nos relatam este conflito e que foram anteriormente citadas parecem partir de uma base comum, a qual teria como seus principais objetivos as trocas de reféns entre Vanires e Aesires e o surgimento de certa sabedoria, seja pelo recebimento da cabeça de Mime por Odin, pelo surgimento do *mead* ou pela presença do *seidr*. Após uma grande guerra na qual nenhum dos povos conseguiu sair vitorioso, a paz foi selada, paz que decorreu da troca de deuses reféns, troca essa que permitiu a passagem de Freyr, Freyja e Njordr, deuses Vanires, para o povo Aesir e, por consequência, a passagem de Mime e Hone, deuses Aesires, para o povo Vanir, como apresentada na *Ynglinga Saga*. Contudo, obras como a *Edda Prosaica* nos deixam entender que a troca havia ocorrido apenas entre Hone (Aesir) e Njordr (Vanir), o que acaba por nos apresentar mais uma variação desse mito, enquanto que a *Edda Poética* acaba por não nos especificar quais deuses teriam passado do povo Vanir para o povo Aesir.

Segundo o mito presente na *Ynglinga Saga*, Mime teria sido morto, após algum tempo, pelos Vanires, que enviaram a cabeça do deus de volta para os Aesires. A cabeça

de Mime sofrera uma espécie de limpeza e conservação com ervas, além de receber um encantamento que permitia ao deus Odin dialogar com o antigo Aesir, Mime. Os diálogos entre Odin e Mime permitiam uma melhor reflexão sobre decisões difíceis. Contudo, como já citado anteriormente, os mitos sofriam variação nas diferentes fontes. Por exemplo, na *Edda Prosaica*, a sabedoria adquirida pelos Aesires viria da bebida alcoólica fermentada de mel conhecida como *mead*, que teria certo caráter sagrado entre os nórdicos. O *mead* no mundo nórdico tem o caráter simbólico da habilidade poética dos escaldos, tendo sua origem na união entre Vanires e Aesires. Para selarem a paz, deuses de ambas as partes haviam cuspidos em um recipiente no qual nasceu Kvasir, um homem de extrema inteligência. Kvasir fora morto pelos anões Fjalar e Galar, que misturaram seu sangue com mel, criando a bebida dos poetas, denominada *mead*.

Podemos notar o mito de Mime presente na *Edda Poética* e na *Prosaica* também como certa variação do apresentado pela *Ynglinga Saga*. Nas *Eddas*, Mime aparece como uma cabeça, fonte de grande sabedoria; na qual o deus Odin havia sacrificado um de seus olhos, a fim de adquirir a sabedoria dessa fonte. Já por sua vez o mito do *mead* apresentado pela *Edda Prosaica* não está presente na *Ynglinga Saga* e na *Edda Poética*. Devemos concluir essa pequena análise das variações e das semelhanças entre as fontes que nos apresentam o mito da guerra entre Vanires e Aesires por analisar a versão presente na *Edda Poética*. Nela, o motivo da guerra entre esses dois povos decorre de um ataque dos Aesires à maga Vanir, conhecida como Gullveig que, ao utilizar a magia do *seidr* ao seu bel prazer, acabou por irritar os Aesires que a perfuraram com lanças e a queimaram três vezes e, no entanto, a maga renasceu todas às vezes. Tal mito não está presente em nenhuma das outras duas fontes e muitos historiadores acabam por aproximar Gullveig a Freyja, deusa Vanir, que em obras como a *Edda Prosaica* é apresentada como a grande conhecedora da magia do *seidr*.

Por fim, devemos nos perguntar o que tais trocas de reféns e essas criações e utilizações de diversos saberes poderiam nos dizer sobre os povos escandinavos do período da antiga mitologia nórdica.

Uma guerra, muitas teorias e uma questão em aberto

Durante o final do século XIX e o início do século XX historiadores como Bernhard Salin acreditavam que a guerra entre ases e vanes nos contava sobre a invasão dos povos vindos do leste em direção à Escandinávia, trazendo para os germânicos um novo culto de magia e guerra (ases) que iria se fundir ao antigo culto germânico de fertilidade (vanes). O culto aos ases teria tido seu ponto de partida durante o período de migração dos povos germânicos, entre os séculos IV e VI, quando povos do sul da Rússia haviam migrado para a Escandinávia. A migração ocorrida em direção ao território escandinavo estaria marcada em mitos como os presentes na *Ynglinga Saga*, na qual o deus Odin teria migrado da Ásia para a Escandinávia. Ela é mencionada ainda não só no prólogo da *Edda Prosaica*, em que deuses como Thor haviam migrado de Troia para a Escandinávia, como também em obras como a de Saxo Grammaticus, denominada *Gesta Donarum*, onde os Aesires aparecem em migração do império bizantino em direção ao território escandinavo.

Odin seria, portanto, o deus mágico e guerreiro que, ao migrar para o território escandinavo, havia combatido os povos Vanires e a eles se fundido. Pelas palavras do próprio Bernhard Salin: “Das aber in der Tradition ein Kern von Wahrheit steckt, dass sie nicht lediglich eine gelehrte und unkritische Mittelalterkonstruktion ist, dürfte unbestreitbar sein.” (SALIN, 1903: 148).

Para outros estudiosos como Luis Lerate, que traduziu e comentou a *Edda Poética*, a guerra entre Aesires e Vanires também adquiria uma função de memória histórica, contudo, nesse caso, lembrando um conflito do século III a.C. em que a cultura indo-europeia teria se fundido à cultura de fertilidade estabelecida no Sul da Escandinávia por comunidades do período megalítico (LERATE, 2007: 27-28).

A partir dos estudos de Georges Dumézil, Otto Höffler, Jan de Vries e W. Berts as interpretações sobre a primeira guerra do mundo começaram a se modificar e a ganhar um aspecto de mito simbólico dos povos nórdicos e não de história factual. Assim, os historiadores passaram a considerar o mito como o símbolo de fusão entre guerra, magia e fertilidade, aspectos que formariam uma sociedade completa (CAMPBELL, 1990: 15; DAVIDSON, 2003: 71-75; DAVIDSON, 2004:106-108; DUMÉZIL, 1973: 3-25; ELIADE, 2011: 143-146; HEDEAGER, 2011: 212-2223; LINDOW, 2002: 51-53; OOSTEN, 1985: 40-47; ÖSTVOLD, 1969: 169-202; SCHJØDT, 2008: 221; STUBBS, 1959: 440-459).

Esses estudiosos entendiam o conflito entre Aesires e Vanires como um símbolo de representação na qual “imperfeições” sociais como o hábito dos Vanires casarem-se entre irmãos foram corrigidas com o casamento entre Freyr e Njordr com gigantas como Skadi e Gerda. Vemos ainda que um dos aspectos tão valorizado da sabedoria, como a característica de uma realeza que se encontra em formação no período viking, surgia nos mitos de Mime e Kvasir.

A sociedade escandinava, que se encontrava voltada aos campos e aos mares com suas atividades de plantio e pesca, além de extremamente voltada à ordem e à magia, características dos seus chefes que tinham suas imagens vinculadas ao exercício da lei e à execução da religião, se encontrava completa na junção das famílias divinas Aesires e Vanires.

No entanto, os estudos de Dumézil sofreram grandes críticas a partir dos anos 1990 por autores como John Lindow, Lotte Hedeager e Patrícia Pires Boulhosa, que apontam problemáticas no sistema tripartido, como a maior visibilidade do caráter guerreiro de Thor e o apagamento de seu caráter de deus da fertilidade. A principal crítica direcionada aos estudos de Dumézil provém de sua tentativa de formação de uma estrutura que acabava por ignorar tempo e espaço e tentar estabelecer arquétipos mitológicos para os povos indo-europeus, em uma metodologia que não permitia maiores interpretações específicas sobre os mitos escandinavos (HEDEAGER, 2011: 212-2223; LINDOW, 2002: 1-2; BOULHOSA, 2006: 3-31).

Hedeager, ao aprofundar as críticas aos estudos de Dumézil, em sua obra *Iron Age Myth and Materiality: An Archaeology of Scandinavia AD 400-1000*, acaba por nos apresentar um novo conceito de mito: o de que as histórias sobre os deuses nórdicos não seriam consideradas apenas símbolos. Temos de ter claro que, para os povos que praticavam e acreditavam na antiga fé nórdica, esses mitos eram parte de suas compreensões da formação do mundo, dos seres humanos, de suas sociedades e até mesmo a lembrança das fundações das dinastias reais como é o caso de Odin em muitas fontes, como na *Ynglinga Saga* e na *Edda Prosaica*. Contudo, se assim o é, o mito da guerra entre Vanires e Aesires poderia sim ter em seu cerne a compreensão de uma batalha histórica entre dois povos? Qual batalha seria essa?

Hedeager, por achados arqueológicos como os bracteates², demonstra uma primeira expressão de deuses como Odin em iconografias escandinavas por volta do século V ou VI. Segundo Hedeager esse fato refletiria alguma modificação social ocorrida no período e demonstraria uma primeira presença da ideia do deus caolho entre os nórdicos. Outro fato muito apontado por Hedeager em seu trabalho é que obras como a de Saxo Grammaticus sobre o povo dane, a de Snorri Sturluson sobre o povo norueguês, o poema *Beowulf* sobre o povo saxão e até mesmo a obra de Jordanes sobre o povo godo têm como progenitor de seus povos o deus Odin (Saxo Grammaticus, *Gesta Donarum*, livro 1; Snorri Sturluson, *Ynglinga Saga*, capítulos 6-7; Obra Anônima, *Beowulf*, ; linhas 3-58).

Nesse momento Hedeager apresenta a grande questão de seu trabalho: Se todos esses povos apresentam um deus como ancestral em comum e se esse deus começou a ser representado iconograficamente a partir do século V ou VI, qual seria o fato histórico que marcaria esses povos?

Por inúmeras provas e comparações, a historiadora concluiu que o fato histórico que teria marcado esse povo seria a migração hunna ao continente europeu e sugere que a guerra entre Aesires e Vanires poderia representar o conflito entre Átila (Aesir/Odin) e o povo germânico ostrogodo (Vanir), os quais, durante o século V, teriam sido aliados. Contudo, longe de afirmar essa hipótese com total certeza, Hedeager deixa claro em seu trabalho que: “At the bottom line the question remains whether the Asir-Vanir battle and reconciliation reflects historical events in the prehistoric Scandinavia/Germanic area or is an archetypal myth of cosmic social order within the Indo-European system of belief.” (HEDEAGER, 2011: 214).

Considerações finais

² Os bracteates eram medalhões possivelmente carregados em colares que a princípio mostravam imagens de imperadores romanos e tinham como função uma possível propaganda aristocrática visando justificar seus poderes pelos contatos com esferas fora de suas comunidades. Contudo, com o decorrer do tempo, os bustos dos imperadores romanos começaram a ser substituídos pelas imagens de deuses do panteão nórdico.

Pretendemos encerrar este nosso trabalho não por concluir a questão da guerra entre Aesires e Vanires como especificamente representante de um simbolismo ou de um fato histórico, porém por refletir por tal fato mitológico a compreensão múltipla que a historiografia carrega sobre essa expressão histórica chamada mitologia. Ao também demonstrarmos que, pelas compreensões de um conflito recontado em inúmeras obras, com suas variações e pontos em comum, seria trágico concluirmos por uma compreensão simples, que retiraria desse a sua multiplicidade, além de também simplificar a compreensão das obras medievais.

Vale aqui salientarmos que as obras que nos chegam pelos escritos como as *Eddas* e a *Ynglinga Saga* por tempos foram cantadas pelos povos escandinavos, sofrendo, portanto, um grande processo de oralidade que permitiria não somente as variações nos seus fatos, porém também as variações em suas compreensões. O que nos chega dos mitos nórdicos é apenas a ponta de um grande *iceberg* que um dia existiu nas canções dos escaldos e que, pelas suas execuções no tempo e no espaço, acabaram por sofrer adaptações, a fim de melhor se enquadrarem no contexto de práticas e crenças de cada período e região. Portanto, uma compreensão única sobre obras acabaria por iluminar parte de seus elementos, porém não nos conseguiria demonstrar a própria variação existente no mundo escandinavo e não nos permitiria vislumbrar o processo de oralidade e de compilação sofrido por elas (SCHJØDT, 2009: 9-22).

Por fim, ao seguir trabalhos como o da historiadora Lotte Hedeager, concluímos que a questão mitológica entre Aesires e Vanires não teve uma solução única encontrada até os dias de hoje. E, parece que também não será unificada no futuro, pois o mito de uma obra que foi cantada, recontada, recriada e, por diversas vezes reconsiderada, acaba por carregar em seu cerne uma multiplicidade de fatos e compreensões diversificadas.

REFERÊNCIAS

Fontes

OBRA ANONIMA. *Edda poética*. Tradução: BELLOWS, Henry Adams. Disponível em: <http://www.sacred-texts.com/neu/poe/> Acesso em: 08/08/2012.

OBRA ANONIMA. *Beowulf*. Editor e Tradutor: JR., Howell D. Chickering. New York: Anchor Books, 2006.

SAXO GRAMMATICUS. *The Danish History*. Tradutor: OLIVER, Elton. Disponível em: <http://omacl.org/DanishHistory/> Acesso em: 17/08/2012

SNORRI STURLUSON. *Edda Snorra Sturlusonar*. Editor: JÓNSSON, Finnur. Reykjavík: Kostnadarmadur: Sigurdur Kristjánsson, 1907.

SNORRI STURLUSON. *Edda mayor*. Editor e Introdução: LERATE, Luis. Madrid: Alianza Editorial, 2007.

SNORRI STURLUSON. *Ynglinga Saga*. Tradutor: LAING, Samuel. Disponível em: <http://omacl.org/Heimskringla/ynglinga.html> Acesso em: 08/08/2012.

Bibliografia

ABRAM, Christopher. *Myths of the Pagan North*. Auckland: Continuum International Publishing Group, 2011.

BOULHOSA, Patrícia Pire. *A mitologia escandinava de Georges Dumézil: uma reflexão sobre método e improbabilidade*, Brathair, 2006, 6, pp.3-31.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Editora Palas Athena, 2009.

DAVIDSON, H. R. Ellis. *The lost beliefs of Northern Europe*. London: Routledge, 2003.

DAVIDSON, H. R. Ellis. *Deuses e mitos do norte da Europa*. Tradução de Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2004.

DUMÈZIL, Geoges. *Gods of the Ancient Northmen*. Los Angeles: University of Carolina Press, 1973.

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das Idéias Religiosas- De Gautama Buda ao Triunfo do Cristianismo-* Vol. II. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

HEDEAGER, Lotte. *Iron Age Myth and Materiality: An Archaeology of Scandinavia ad 400 – 1000*. New York: Routledge, 2011.

LINDOW, John. *Norse mythology: A Guide To The Gods, Heroes, Rituals And Beliefs*. New York: Oxford University Press, 2002.

OOSTEN, Janich G. *The war of the Gods: The social code in Indo-European Mythology*. London: Routledge, 1985.

ÖSTVOLD, Torbjörg. *The war of the Aesir and the Vanir: A myth of fall in Nordic religion*, Tememos, 1969, 5, pp. 169-202.

ROSS, Margaret Clunies. *The Creation of Old Norse Mythology*. In: PRICE, Neil (org.). *The Viking World*. New York: Routledge, 2008, pp. 231-234.

SALIN, B. *Heimskringlas tradition om asarnes invandring. Ett arkeologiskt-religionshistoriskt utkast*. IN: *Studier tillägnade Oskar Montelius*. Stockholm : Lärjungar, 1903, pp. 148.

SALIN, B. *Die altgermanische Thierornamentik*. Stockholm: Asher, 1904.

SALIN, B. *Fyndet fran Broa I Halland, Gotland, Fornvännen*, 1922, 7, pp.89-206.

SCHJØDT, Jens Peter. *Diversity and its consequences for the study of Old Norse religion. What is it we are trying to reconstruct?*. IN: SLUPECKI, Leszek P. and MORAWIEC, Jakub (orgs.). *Between Paganism and Christianity in the North*. Rzeszów: Wydawnictwo Uniwersytetu Rzeszowskiego, 2009, pp. 9-22.

SCHJØDT, Jens Peter. *The old Norse Gods*. In: PRICE, Neil (org.). *The Viking World*. New York: Routledge, 2008, pp. 221.

STURLUSON, Snorri. *Edda mayor*. Editor e Introdução: LERATE, Luis. Madrid: Alianza Editorial, 2007.

STUBBS, H. W. “*Troy, Ásgard, and Armageddon.*”, *Folklore*, 1959, 70, pp. 440-459.